



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Dependência Digital e Funcionamento e Situação Económica Familiar: Estudo Quantitativo com Jovens Adultos.

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em
Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Miguel Magalhães Ferreira

Porto, julho de 2023



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Dependência Digital e Funcionamento e Situação Económica Familiar: Estudo Quantitativo com Jovens Adultos.

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em
Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Miguel Magalhães Ferreira

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro

Professora Doutora Raquel Matos

Porto, julho de 2023

Agradecimentos

É importante enaltecer as pessoas que estiveram presentes no decorrer do planeamento e realização desta dissertação de mestrado. Com isto, deixo os meus sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro e à Professora Doutora Raquel Matos, pela disponibilidade e apoio incondicional apresentadas neste percurso de orientação. Agradeço com apreço a motivação e *insight* nos momentos mais desafiantes. Sem a sua colaboração, não teria sido possível a realização desta dissertação de mestrado. As sugestões assertivas foram essenciais para a melhoria da qualidade deste produto final.

À Professora Doutora Patrícia e a todos os membros do *Human Neurobehavioral Laboratory*, pelo enriquecimento deste percurso académico, pelas oportunidades, pelas conexões e partilha de experiências.

A todos os meus amigos e colegas, que estiveram presentes nesta fase, pelo companheirismo e cumplicidade e pelo auxílio na distribuição dos inquéritos.

Por fim, um agradecimento especial à minha mãe, pai e irmã, sempre presentes e disponíveis para me incentivar, motivando-me a ser uma versão melhor de mim, um melhor académico e um melhor profissional.

Índice

Resumo	6
Abstract	7
Introdução	9
Enquadramento teórico	11
Método	17
<i>Amostra</i>	17
<i>Instrumentos</i>	19
<i>Procedimentos</i>	21
Resultados	23
Discussão	30
Conclusão	33
Referências bibliográficas	35
Anexos	38

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Habilitações Académicas dos participantes e progenitores</i>	18
Tabela 2. <i>Scores médios das variáveis FAD-GF e IAT</i>	23
Tabela 3. <i>Distribuição de participantes nas variáveis utilizadas para avaliar a situação económica</i>	24
Tabela 4. <i>Matriz de correlações de Pearson e Spearman</i>	25

Índice de Anexos

Anexo 1. Modelo de Declaração de Consentimento Informado	38
Anexo 2. Itens utilizados para avaliar a situação económica do agregado familiar.....	40
Anexo 3. Itens do Family Assessment Device – Global Functioning (FAD-GF).....	41
Anexo 4. Itens do Internet Addiction Test (IAT).....	42
Anexo 5. Parecer da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades	44

Resumo

Este estudo insere-se no projeto de investigação, intitulado de “*Economic Hardship, parenting role and child behaviour problems*”, integrado no Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH). O objetivo deste estudo foi o de analisar a relação entre a situação económica do agregado familiar, o funcionamento familiar global e a dependência digital em jovens adultos entre os 18 e os 25 anos. Foi administrado um inquérito online, que incluiu um questionário sociodemográfico, questões para avaliar a situação económica, a escala do funcionamento familiar global do *Family Assessment Device* e o *Internet Addiction Test*. Este inquérito foi aplicado a 108 jovens adultos de diferentes zonas do país. Na análise de dados, foram testadas as associações e diferenças entre a situação económica, o funcionamento familiar e a dependência digital. Os dados foram analisados com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* da IBM. Não foram encontradas associações entre a dependência digital e o funcionamento familiar global. Também não foram encontradas associações entre a situação económica e a dependência digital. Contudo, foi possível observar uma associação positiva, entre o género feminino e o funcionamento familiar saudável, e uma associação positiva entre a perceção do nível socioeconómico baixo e um funcionamento familiar global problemático.

Palavras-chave: Situação económica; Dificuldades económicas; Funcionamento familiar global; Dependência digital.

Abstract

This study is part of the research project entitled "Economic Hardship, parenting role and child behaviour problems", carried out at the Research Centre for Human Development (CEDH). The aim of this study was to analyze the relation between household economic status, overall family functioning and digital dependence in young adults aged between 18 and 25 years.. An online survey was administered, which included a sociodemographic questionnaire, questions to assess economic status, the *Family Assessment Device* global family functioning scale, and the *Internet Addiction Test*. This survey was administered to 108 young adults from different areas of the country. In the data analysis, associations and differences between economic status, family functioning and digital addiction were tested. The data were analyzed using IBM's Statistical Package for the Social Sciences. No associations were found between digital dependence and overall family functioning. Likewise, no associations were found between economic status and digital dependence. However, it was possible to observe a positive association between female gender and healthy family functioning, and a positive association between perceived low socioeconomic status and overall problematic family functioning.

Keywords: Economic status; Economic hardship; Global family functioning; Digital addiction.

Lista de Abreviaturas e Siglas

FAD-GF – Funcionamento familiar global

MMFF – Modelo McMaster de Funcionamento Familiar

PNSE – Perceção do nível socioeconómico do agregado familiar

QH – Qualidade da habitação

VRA – Posicionamento relativo ao que sente sobre o rendimento atual do agregado familiar

IAT – Escala de adição à internet

Introdução

A inflação económica que se presencia atualmente, reflexo dos desafios económicos consequentes da situação pandémica e do conflito armado na Europa, estão a contribuir para o aumento do índice de preços de consumidor, onde se verificou uma aceleração bastante relevante no ano de 2022 (Cantante & Estêvão, 2022). Apesar da subida dos valores médios dos salários portugueses (PORDATA, 2022), verificou-se inflação em bens de necessidade básica (e.g. alimentação), o que se traduziu numa redução geral no poder de compra dos portugueses (Araújo, 2023). A influência deste período recessivo na economia portuguesa é diretamente observada na vertente objetiva das dificuldades económicas, a privação material e a insuficiência de rendimentos.

Famílias economicamente vulneráveis, apresentam mais desafios na parentalidade (e.g. tempo para as rotinas diárias, tempo para suporte emocional) o que pode impactar a relação e o funcionamento familiar, assim como predispor o desenvolvimento de comportamentos externalizantes nas crianças e adolescentes que as constituem (He et al., 2021). Importa salientar que comportamentos externalizantes referem-se a comportamentos disruptivos, prejudiciais ou problemáticos (e.g. agressividade e impulsividade; comportamentos delinquentes) direcionados a outros ou a algum bem material (Eirich et al., 2022). Os comportamentos digitais não estão dissociados dos comportamentos externalizantes, isto é, estes últimos estão também presentes na realidade digital (e.g. impulsividade no envolvimento em microtransações digitais; cyberbullying). Segundo Eirich et al. (2022) comportamentos digitais, podem constituir um risco ao desenvolvimento destes comportamentos através de uma multiplicidade de fatores (e.g. exposição a conteúdos violentos; tempo excessivo de ecrã). A situação pandémica iniciada em 2019 produziu mudanças comportamentais nas práticas digitais, traduzindo-se num aumento da utilização de dispositivos digitais; alteração da procura de conteúdos, nomeadamente recreativos, em redes sociais e plataformas de *streaming* digital e; entre outros, no tempo de ecrã (Nagata et al., 2020). Assim, a inclusão da dimensão da dependência digital nesta investigação, salienta a relevância da exploração deste tema na realidade portuguesa.

É de salientar que, de acordo com a exploração da literatura, é escassa a informação sobre a potencial relação entre a situação económica, o funcionamento familiar geral e a dependência digital, principalmente em Portugal. Apesar de já existirem estudos neste contexto que incidem sobre o funcionamento familiar geral e a dependência digital, dificilmente é observada a inclusão da situação económica nesta relação. É também importante salientar a pertinência de incluir a situação económica como variável de estudo, nos tempos pós pandémicos, de guerra e de crise económica em que vivemos. Esta inclusão da situação económica é essencial para analisar o potencial de impacto na parentalidade e no desenvolvimento de dependência digital nos jovens adultos. Assim, a presente investigação tem como objetivo analisar a associação entre a situação económica do agregado familiar, o funcionamento familiar geral e a dependência digital nos jovens adultos.

Enquadramento teórico

Situação económica

Com a volatilidade e precariedade atual dos mercados de trabalho, a inflação económica e o registo de incerteza financeira (Han & Heart, 2022), decorrentes da situação pandémica e do conflito armado na Ucrânia, falar sobre o construto de dificuldades económicas torna-se tão ou mais pertinente do que era até este momento.

Para melhor definir este construto, Neckerman et al. (2016) elabora que as dificuldades económicas agrupam três dimensões distintas, mas relacionadas. Essas três dimensões são a pobreza de rendimentos, a privação material e ainda a ansiedade financeira.

A pobreza de rendimentos é referente à dimensão da pobreza salarial associada às dificuldades económicas, sendo geralmente representada por uma baixa quantidade de recursos financeiros disponíveis na esfera familiar (Bradshaw & Finch, 2003). A privação material diz respeito ao baixo nível de condições de vida e à inexistência de condições materiais ou à inadequação destas últimas (Bradshaw & Finch, 2003). A ansiedade financeira é a dimensão psicológica e refere-se à avaliação subjetiva das circunstâncias económicas individuais e familiares (Bradshaw & Finch, 2003). Segundo Bradshaw e Finch (2003), estas três dimensões podem sobrepor-se e ocorrer em conjunto, mas são distintas e podem ser experimentadas independentemente uma da outra. As dificuldades económicas tem assim expressões heterogéneas, o que significa que uma família pode ser pobre em termos de rendimentos, mas não apresentar ansiedade financeira nem passar por experiências de privação material. Outro exemplo seria a privação material ou ansiedade financeira experienciadas por uma família com rendimentos superiores ao mínimo salarial, decorrentes de mudanças no custo de vida, transições para e do desemprego, despesas imprevistas, necessidade de apoiar familiares dependentes, ou da inflação económica (Gauthier & Furstenberg, 2010).

Importa referir que os jovens adultos que sofrem de dificuldades económicas apresentam consistentemente níveis mais elevados de problemas de saúde mental, incluindo sintomas internalizantes (e.g. depressão e ansiedade) e sintomas externalizantes (e.g. hiperatividade ou agressão) (Kaiser et al., 2017). No entanto, são escassos os estudos que

isolam e analisam o impacto das dificuldades económicas objetivas nos comportamentos de externalização, nomeadamente no foro dos comportamentos digitais.

Gomel (1995) desenvolveu um estudo com a finalidade de relacionar os comportamentos disruptivos e problemáticos dos jovens, o funcionamento familiar e as dificuldades económicas. Mais especificamente, este estudo elabora que maior privação material e insuficiência de rendimentos, podem resultar em conflito interparental e, conseqüentemente, num funcionamento familiar global problemático, potencializando, por sua vez, comportamentos disruptivos e problemáticos nos jovens.

Assim, estando presente o impacto que a situação económica pode ter na família e nos comportamentos disruptivos e problemáticos dos jovens adultos, é pertinente analisar como se relaciona com o funcionamento familiar geral com a dependência digital.

Funcionamento familiar

O termo funcionamento familiar refere-se à capacidade da família de trabalhar em conjunto como uma unidade para satisfazer as necessidades básicas dos seus membros (Ryan & Keitner, 2009). Este é um fenómeno complexo (Epstein et al., 1978) e tem origem numa perspetiva sistémica familiar, que pressupõe que o individuo e os membros da família fazem parte de um sistema complexo e integrado em múltiplos sistemas (Staccini et al., 2015; Ryan & Keitner, 2009; Epstein et al., 1978). Desta forma, o funcionamento familiar remete para as propriedades transacionais, estruturais e sistémicas do sistema familiar, mais do que para as características intrapsíquicas dos membros que constituem a família (Boterhoven de Haan et al., 2014), sendo as primeiras, determinantes do desenvolvimento biopsicossocial dos membros que constituem o sistema familiar.

O funcionamento familiar é dinâmico e pode variar ao longo do tempo, em função da fase de desenvolvimento familiar; da ocorrência de mudanças súbitas (e.g. doença de algum dos membros); ou da alteração dos papéis familiares (Epstein et al., 1983; Ryan & Keitner, 2009). Ryan et al. (2005), refere ainda que, dada a complexidade do fenómeno, não existe uma dimensão ou um conjunto específico de dimensões do funcionamento familiar que preveja um funcionamento familiar saudável ou não saudável ou que esteja consistentemente relacionado com o resultado de uma perturbação psiquiátrica específica.

O Modelo McMaster de Funcionamento Familiar (MMFF), sugerido inicialmente por Epstein (1978), apresenta uma base explicativa para este construto, identificando seis dimensões do funcionamento familiar, dentro das quais: a resolução de problemas; a comunicação; os papéis familiares; a capacidade de resposta afetiva; o envolvimento afetivo; e ainda o controlo do comportamento. A resolução de problemas, é a primeira dimensão explorada no MMFF, e refere-se à capacidade da família para resolver problemas, isto é, questões que ameaçam a integridade e a capacidade funcional da família, a um nível em que o coletivo consiga manter um funcionamento familiar eficaz (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; Staccini et al., 2015). Já a segunda dimensão, é representada pela comunicação familiar, ou seja, é definida como a troca de informações entre os membros da família. Nesta dimensão, um funcionamento familiar eficaz é reflexo de uma comunicação baseada em mensagens verbais diretas e claras, no que diz respeito ao conteúdo (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; Staccini et al., 2015). A terceira dimensão é a dos papéis familiares, nomeadamente se a família estabelece padrões de comportamento para lidar com um conjunto de funções familiares que incluem o fornecimento de recursos, a prestação de cuidados e apoio, o apoio ao desenvolvimento pessoal, a manutenção e a gestão dos sistemas familiares (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; Staccini et al., 2015). A atribuição de tarefas de forma clara e equitativa aos membros da família e execução de forma responsável pelos respetivos membros, é também um aspeto central e indicativo de eficácia nesta dimensão (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983). A quarta dimensão, refere-se à capacidade de resposta afetiva e avalia em que medida os membros individuais da família são capazes de sentir afeto adequado em relação a uma série de estímulos, como emoções de bem-estar e de emergência (e.g. medo, preocupação e tristeza) (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005). Quanto à quinta dimensão, o envolvimento afetivo, diz respeito à medida em que os membros da família estão interessados e valorizam as atividades e preocupações uns dos outros (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005). As famílias com menor incidência de fatores problemáticos (e.g. comportamentos externalizantes dos jovens; psicopatologia), têm níveis intermédios de envolvimento (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; Staccini et al., 2015). A sexta e última dimensão presente no MMFF é o controlo do comportamento, que

segundo Epstein et al. (1983) e Staccini et al. (2015), avalia a forma como uma família expressa e mantém padrões para o comportamento dos seus membros. O comportamento em situações de diferentes tipos (e.g. perigosas, stressantes e sociais) é avaliado, assim como os diferentes padrões de controlo (são considerados flexíveis, rígidos, permissivos e/ou caóticos) (Epstein et al., 1978; Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; Staccini et al., 2015).

Segundo Staccini et al. (2015), este modelo apresenta critérios importantes que validam a sua adequação à investigação, nomeadamente, a base teórica multidimensional do funcionamento familiar, que permite obter um perfil abrangente da família, incluindo a identificação de dimensões problemáticas ao desenvolvimento dos seus membros. Mais ainda, este modelo oferece medidas objetivas e subjetivas validadas para uma avaliação sistémica dos padrões de funcionamento familiar em múltiplos domínios.

Dependência digital

Para definir dependência digital, é necessário dividir esta dimensão mais detalhadamente na utilização dos dispositivos digitais por parte do utilizador e nos sentimentos e comportamentos que o utilizador experimenta (Almourad et al., 2020). Segundo Almourad et al. (2020), poderá ser considerada problemática a utilização dos dispositivos, quando se reporta demasiado tempo gasto com esta atividade, 4 horas diárias ou 30 horas semanais, assim como, quando o utilizador incorre na verificação constante dos mesmos. Nesta dimensão são ainda incluídas as ações que o utilizador manifesta enquanto utiliza o dispositivo, mais concretamente, se existe um objetivo claro na utilização do dispositivo; se o utilizador está demasiado apegado ao dispositivo, ao conteúdo que visualiza e às atividades que nele efetua (Almourad et al., 2020).

No que concerne a dimensão dos sentimentos e comportamentos que o utilizador experimenta, pode-se referir a componente do controlo, isto é, a impulsividade e compulsividade na utilização da internet e dos dispositivos digitais; se o utilizador continua a utilizar a internet e estes dispositivos apesar de experienciar resultados e consequências negativas; e se existem tentativas falhadas de controlar o uso (Almourad et al., 2020). São ainda mencionadas por Almourad et al. (2020), as motivações para o uso (e.g. fuga da realidade, obtenção de prazer); o uso prolongado e a distorção do tempo.

No modelo *pathway* de Lee et al. (2019), estão ainda contemplados outros fatores para o desenvolvimento de dependência digital. Lee et al. (2019) e Fumero et al. (2018) enumeram fatores na dimensão individual, como traços de neuroticismo da personalidade (e.g. ansiedade, impulsividade, vulnerabilidade e depressão); comorbidades psiquiátricas; necessidades cognitivas; problemas sociais e neurodesenvolvimentais, que se podem traduzir num menor controlo no uso da internet. Decorrentes destes fatores individuais, podem ainda surgir motivações para a sua utilização problemática (e.g. fuga da realidade, atenuação do sofrimento psicológico a curto prazo e evitamento de interações sociais) (Lee et al., 2019; Fumero et al., 2018).

Neste modelo, para além destes fatores individuais são ainda salientados fatores ambientais associados ao desenvolvimento de dependência digital. Nomeadamente a acessibilidade facilitada aos serviços de internet; o estatuto socioeconómico elevado, permitindo um maior envolvimento em microtransações; a pressão de pares para a utilização de redes sociais e videojogos; e a inexistência de políticas de regulação do país para controlo do marketing industrial online e das respetivas microtransações (Lee et al., 2019). A terceira dimensão de riscos salientada neste modelo diz respeito às características do conteúdo a que os adolescentes são expostos, tipicamente associados a sistemas de recompensa aliciantes e rápidos, como por exemplo, o tipo de jogo (e.g. *gatcha*; *mmorpgs*); de rede social (e.g. *instagram*, *tik tok*); e o design dos componentes aditivos (e.g. microtransações, banners publicitários, passes de temporada, pop-ups promocionais de tempo limitado, “likes”).

Pode-se considerar que o indivíduo apresenta dependência digital quando os fatores acima elencados ocorrem em simultâneo com um tempo de utilização da internet excessivo ou mal adaptativo, que se traduza em conflito social e familiar, ou ainda, que tenha impacto significativo em algum sistema que envolva o jovem (e.g. redução do rendimento académico, saúde física e mental, perda de grupos de suporte social) (Lee et al., 2019; Fumero et al., 2018; Pontes et al., 2014; Young, 2011). Paralelamente ao tempo de utilização, a exposição a conteúdo impactante e prejudicial (e.g. imagens alusivas a conflito, a mortes; possível exposição e afiliação a comunidades terroristas, risco de radicalização), é um segundo determinante para a classificação de um uso problemático. Esta exposição pode traduzir-se em consequências psicológicas (e.g. ideações suicidas,

depressão, privação de sono, ansiedade, agressividade) e num aumento do conflito interpessoal (Lee et al., 2019).

Importa ainda alertar para a complexa relação entre a situação económica e a dependência digital. Por um lado, Gomel (1995), relaciona positivamente dificuldades económicas objetivas com o desenvolvimento de comportamentos disruptivos e problemáticos. Por outro lado, Lee et al. (2019), indica que o um estatuto socioeconómico elevado pode predispor a um maior envolvimento no uso problemático da internet, pela facilidade de acesso a dispositivos digitais e envolvimento em microtransações.

No que diz respeito à relação entre o desenvolvimento de dependência digital por parte dos jovens e o funcionamento familiar, a meta análise de Schneider et al. (2017), permite-nos identificar vários fatores familiares importantes nesta relação, podendo funcionar como fatores facilitadores e de risco, ou ainda como fatores protetores. Isto é, quando a relação entre os pais e o jovem é problemática (e.g. hostilidade parental; reduzidas atividades sociais com as figuras parentais, ambiente familiar negativo), existe um maior risco associado ao desenvolvimento de dependência digital. Uma relação mais positiva reduz significativamente estes riscos (Schneider et al., 2017). Atitudes parentais negativas (e.g. atitudes punitivas, regras muito restritas) direcionadas aos comportamentos digitais foram também associadas a um maior risco de dependência digital (Schneider et al., 2017). Uma supervisão parental moderada das atividades na internet dos jovens está associada a uma redução significativa deste risco (Schneider et al., 2017).

Tendo em conta a literatura revista e, dada a escassez de estudos que reflitam a realidade portuguesa, será pertinente analisar a associação entre a situação económica do agregado familiar, o funcionamento familiar geral e a dependência digital nos jovens adultos. Face à evidencia apresentada na revisão da literatura, é ainda possível esperar que este estudo seja confirmatório das seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1): Existe uma associação positiva, nos jovens adultos, entre a perceção de um nível socioeconómico baixo e a perceção do funcionamento familiar problemático.

Hipótese 2 (H2): Existe uma associação positiva entre a perceção do nível socioeconómico alto e a dependência digital manifesta nos jovens adultos.

Hipótese 3 (H3): Existe uma associação positiva entre a perceção de um funcionamento familiar problemático e a dependência digital nos jovens adultos.

Método

Este estudo teve por base uma metodologia quantitativa, assente num design correlacional hipotético-dedutivo. O objetivo deste estudo foi o de analisar a relação entre a situação económica do agregado familiar, a perceção do funcionamento familiar global e a dependência digital em jovens adultos entre os 18 e os 25 anos.

Amostra

O estudo englobou uma amostra não probabilística de conveniência, constituída por um total de 133 participantes, dos quais apenas foram incluídos 108, devido ao não preenchimento total do inquérito. Destes 108 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos ($M=22$; $DP=2.10$), 25 (23.1 %) identificaram-se como homens e 83 (76.9%) identificaram-se como mulheres. Quanto ao estado civil, é de salientar uma maior prevalência de participantes solteiros ($N=106$; 98.1%), com apenas 1 participante casado (0.9 %) e 1 em união de facto (0.9%). A totalidade dos participantes era de nacionalidade portuguesa ($N=108$; 100%), provenientes maioritariamente do norte de Portugal ($N=96$; 88.9%), seguindo-se, o centro ($N=11$; 10.2%) e o sul de Portugal ($N=1$; 0.9%).

No que concerne às habilitações académicas, 11 (10.2%) participantes concluíram uma “*Pós-graduação/Mestrado/Licenciatura pré-Bolonha*”, 52 (48.1%) reportaram concluir uma “*Licenciatura ou Curso Técnico Superior*”, 42(38.9%) completaram o “*Ensino Secundário (12º ano)*” e 3 (2.8%) finalizaram o “*3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)*”. Relativamente à situação profissional dos respondentes, é de notar uma maior expressão de estudantes ($N=53$; 49.1%), seguindo-se empregados por conta de outrem ($N=25$; 23.1%) e trabalhadores/estudantes ($N=24$; 22.2%) e por fim, desempregados ($N=6$; 5.6%).

Quanto a informações descritivas sobre o agregado familiar dos participantes, foi possível observar que o número de elementos que constituem o agregado se situava entre 1 e 6 elementos ($M=3.43$; $DP=1.10$). Dos 108 respondentes, 54 (50%) afirma ter entre 1 e 3 irmãos ($M=1.39$; $DP=0.66$). Os respondentes relataram que as mães tinham idades compreendidas entre os 37 e os 68 anos ($M=51.44$; $DP=6.31$) e os pais idades compreendidas entre os 40 e os 85 anos ($M=53.61$; $DP=6.68$). É ainda possível acrescentar informação sobre as habilitações académicas dos progenitores (Tabela 1).

Relativamente à situação profissional dos progenitores, nas mães é de notar uma maior expressão de “*empregadas por conta de outrem*” (N=78; 72.2%), seguindo-se de “*empregadas por conta própria*” (N=17; 15.7%) e “*desempregadas*” (N=8; 7.4%) e por fim, com estatuto de “*trabalhador/estudante*” (N=2; 1.9%). Dos pais, nota-se também uma maior expressão de “*empregados por conta de outrem*” (N=72; 66.7%), seguindo-se de “*empregados por conta própria*” (N=26; 24.1%) e “*desempregados*” (N=4; 3.7%) e por fim, com estatuto de “*trabalhador/estudante*” (N=1; 0.9%). É de referir que 3 participantes não facultaram informações sobre a situação profissional das respetivas mães e 5 participantes não facultaram informações sobre a situação profissional dos respetivos pais, pelo que, para o efeito de análise de dados, estas respostas foram consideradas como observações ausentes (valores omissos).

Tabela 1.

Habilitações Académicas dos participantes e progenitores

Habilitações Académicas	Participantes N (%)	Progenitores	
		Mãe N (%)	Pai N (%)
<i>Ensino Primário (4º ano)</i>	-	3 (2.80%)	8 (7.40%)
<i>2º ciclo do Ensino Básico (6º ano)</i>	-	9 (8.30%)	14 (13.00%)
<i>3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)</i>	3 (2.80%)	20 (18.50%)	21 (19.40%)
<i>Ensino Secundário (12º ano)</i>	42 (38.90%)	28 (25.90%)	25 (23.10%)
<i>Licenciatura ou Curso Técnico Superior</i>	52 (48.10%)	27 (25.00%)	20 (18.50%)
<i>Pós-graduação/Mestrado/Licenciatura pré-Bolonha</i>	11 (10.20%)	16 (14.80%)	13 (12.00%)
<i>Doutoramento</i>	-	5 (4.60%)	5 (4.60%)
<i>Valor omissos</i>	-	-	2 (1.90%)

Instrumentos

Os dados foram recolhidos através de um inquérito online, composto por: um questionário sociodemográfico; uma escala de avaliação do funcionamento familiar global, adaptada para a população portuguesa (Epstein et al., 1983; Ryan et al., 2005; versão portuguesa: Almeida et al., 2020); e uma escala de avaliação de adição à internet, validada para a população portuguesa (Young, 1998; versão portuguesa: Pontes et al., 2014).

Questionário Sociodemográfico

Foi construído, especificamente para este estudo, um questionário sociodemográfico, com o objetivo de recolher informações adicionais sobre as características dos participantes. Este questionário contemplou as seguintes questões sociodemográficas: idade; género; estado civil; nacionalidade; zona do país em que reside (“Norte”; “Centro”; “Sul”; “Ilhas”; “Não reside em Portugal”); e habilitações literárias (desde “1 – Ensino primário – 4º ano” a “6 – Pós-graduação/ Mestrado/ Licenciatura pré-Bolonha”).

Foram solicitados também dados sobre a situação económica dos participantes: situação profissional atual; salário líquido; média de horas de trabalho semanal no último mês. Complementarmente, foram incluídas questões sobre as práticas digitais dos participantes: tempo que passa, por dia, em atividades digitais com fins recreativos; tempo que passa, por dia, em atividades digitais para estudo ou trabalho; tipo de atividades digitais em que se envolve (e.g. “utilizar redes sociais”; “criar vídeos”; “jogar videojogos”; “ouvir música”). Foram ainda requeridas informações sobre o agregado familiar: número de elementos que constituem o agregado; número e idade de irmãos, se aplicável; habilitações académicas e situação profissional dos pais.

Por fim, de forma a recolher informação sobre a situação económica do agregado familiar (Anexo 2), foram recolhidos dados sobre as seguintes dimensões: perceção do nível socioeconómico do agregado familiar (P - NSE) (“muito alto”; “alto”; “médio”; “baixo”; “muito baixo”); qualidade da habitação (QH) (“excelente”; “muito boa”; “razoavelmente boa”; “não muito boa”; “péssima”); e ainda como se posiciona relativamente ao que sente sobre o rendimento atual do agregado familiar (VRA) (“o

rendimento atual permite-nos viver confortavelmente”; “*o rendimento atual dá para vivermos*”; “*é difícil vivermos com o rendimento atual*”; “*é muito difícil vivermos com o rendimento atual*”; “*não sei/prefiro não responder*”).

Escala de avaliação do funcionamento familiar geral (FAD) - Versão portuguesa (Almeida et al., 2020)

A *Family Assessment Device* foi inicialmente proposta por Epstein et al. (1978) e posteriormente adaptada por Almeida et al. (2020) para a população portuguesa. Para este estudo, optou-se por utilizar a escala correspondente ao funcionamento familiar global (FAD-GF) (Anexo 3). Esta escala avalia a percepção do funcionamento global da família, em aspetos centrais como a resolução de problemas, comunicação, papéis familiares, resposta e envolvimento afetivo e controlo comportamental (Epstein et al., 1983; Almeida et al., 2020). A versão portuguesa da FAD-GF, é constituída por 12 itens, cotados através de uma escala de *Likert* de quatro pontos (1 – “discordo fortemente”; 2 – “discordo”; “3- concordo”; 4 – “concordo fortemente”). Quanto menor a cotação total obtida nos itens, mais problemático se considera o funcionamento familiar. Na versão original do FAD o instrumento apresenta um alfa de Cronbach de .92 (Epstein et al., 1983). Já na versão FAD-GF, adaptada à população portuguesa, o valor do alfa de Cronbach é de .79 (Almeida et al., 2020).

Escala de adição à internet (IAT) – Versão Portuguesa (Pontes et al., 2014)

O *Internet Addiction Test* foi criado por Young (1998) e posteriormente adaptado à população portuguesa por Pontes et al. (2014). Nesta escala de 20 itens (Anexo 4) é avaliado o envolvimento com a internet, através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (“sempre”; “muitas vezes”; “frequentemente”; “ocasionalmente”; “raramente”). Os itens avaliam características da adição à internet, tais como a perda de controlo, a negligência da vida diária, saliência comportamental e cognitiva, consequências negativas, modificação de humor e decepção (Carvalho, 2020). A pontuação total é calculada somando a pontuação de cada item, e quanto maior for a pontuação global, maior é a gravidade da dependência (Carvalho, 2020). É de notar que Pontes et al. (2014) indicam não existir validação empírica ou clínica para os pontos de corte, contudo, em Young (2011) são sugeridos

valores para avaliar o envolvimento com a internet, nomeadamente: normal (0-30), suave (31-49), moderado (50-79) e severo (80-100). O instrumento apresenta uma boa consistência interna, com o valor de alfa de Cronbach de .91 (Carvalho, 2020).

Procedimentos

Recolha de dados

Precedendo-se o início da recolha, para validação do cumprimento das normas éticas, foi solicitado um parecer à Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa (Anexo 5). Após uma resposta positiva, procedeu-se à recolha de dados durante o mês de maio de 2023, através de um questionário online desenvolvido em Qualtrics e distribuído nas redes sociais (Discord, Facebook, Whatsapp e Instagram), com recurso a uma hiperligação e a um código QR gerado na mesma plataforma.

Esta recolha de dados foi formulada de forma a garantir o cumprimento de todas as normas éticas, garantindo a confidencialidade das respostas e o anonimato dos participantes. Para o efeito, foram desativadas a recolha de dados de IP e de localização no Qualtrics. Com o mesmo objetivo, foi disposto um consentimento informado no acesso ao questionário, com informação sobre os objetivos do estudo; os procedimentos e tempo estimado de preenchimento; possibilidade de desistência e; garantia de anonimato e confidencialidade das respostas. Os participantes apenas teriam acesso ao questionário sociodemográfico e aos instrumentos utilizados no estudo, após consentirem com os termos propostos nesta declaração de consentimento informado. Caso não consentissem à participação, eram direcionados para o final do formulário, onde veriam uma mensagem de agradecimento e o contacto do investigador responsável.

O único critério de inclusão considerado foi a idade dos respondentes, nomeadamente dos 18 aos 25 anos, procedendo-se à eliminação dos dados de respondentes com idade inferior ou superior à solicitada.

Tratamento e análise de dados

O preenchimento online dos questionários possibilitou a extração dos dados automaticamente para uma base de dados, permitindo o seu posterior tratamento e análise no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) da IBM (versão 28.0.1.0).

No que diz respeito ao tratamento dos dados, numa primeira fase, foram filtrados os participantes cujas idades eram inferiores a 18 anos e superiores a 25 anos, paralelamente aos participantes que não completaram o preenchimento dos instrumentos utilizados no formulário. Neste processo foram filtradas 25 das 133 respostas, resultando em 108 participantes contabilizados para a análise de dados.

Numa segunda fase, realizou-se a recodificação das variáveis P – NSE, QH e VRA, uma vez que os itens se encontravam inversamente formulados e de forma a facilitar a interpretação dos resultados obtidos na análise estatística inferencial. Foram também recodificados os itens que se encontravam formulados na negativa do FAD-GF, conforme proposto por Almeida et al. (2020). Assim sendo, valores baixos nas variáveis P-NSE, QH, VRA e FAD-GF correspondem a uma perceção de um nível socioeconómico mais baixo e de um funcionamento familiar problemático, respetivamente.

Por fim, após o cálculo das escalas totais agregadas dos instrumentos FAD-GF e IAT, procedeu-se à análise de dados, numa primeira instância com recurso a estatística descritiva com o objetivo de caracterizar a amostra, e numa segunda instância, com recurso a estatística inferencial para responder às hipóteses formuladas, nomeadamente através de análises de correlação e testes de diferenças.

Resultados

Análises preliminares

Começou-se por realizar uma análise de confiabilidade das escalas utilizadas, onde foi possível observar valores de *Alpha* de *Cronbach* elevados para o FAD-GF (.92) e o IAT (.90), respetivamente.

Verificando-se uma boa consistência interna das escalas utilizadas, procedeu-se à inversão de itens e ao cálculo dos scores totais para cada escala. Dado não existirem valores omissos, os scores totais foram obtidos através do somatório dos itens que constituíram as escalas (Almeida et al., 2020; Pontes et al., 2014). O cálculo da média e desvio padrão para os scores totais de cada instrumento e para a distribuição por género, podem ser observados na tabela 2.

Tabela 2.
Scores médios das variáveis FAD-GF e IAT

Instrumentos	Escalas	Feminino	Masculino	Total
		M (DP)	M (DP)	M (DP)
FAD	FAD – GF	37.30 (7.28)	33.40 (6.79)	36.40 (7.33)
IAT		33.17 (12.88)	34.64 (13.64)	33.51 (13.00)

Optou-se ainda por categorizar os scores totais obtidos no IAT, de acordo com o proposto por Pontes et al. (2014), sendo possível verificar, mediante a avaliação feita com recurso ao IAT, que: 47 (43.5%) dos participantes não apresentavam nenhum nível de dependência; 50 (46.3%) dos participantes revelaram níveis de dependência ligeira e ainda 11 (10.2%) dos participantes exibiu dependência moderada. Contudo, dado não terem sido observadas associações significativas entre as diferentes variáveis e as categorias do IAT, optou-se por apenas reportar as análises face aos scores totais dos participantes no IAT.

No que diz respeito às variáveis utilizadas para analisar a situação económica do agregado familiar dos participantes, pode-se observar a distribuição em cada variável (P-NSE, QH e VRA) na tabela 3.

Tabela 3.

Distribuição de participantes nas variáveis utilizadas para avaliar a situação económica

Variáveis	Categorias	N (%)
P-NSE	Baixo	8 (7.4 %)
	Médio	75 (69.4 %)
	Alto	23 (21.3 %)
	Muito alto	2 (1.9 %)
QH	Não muito boa	5 (4.6 %)
	Razoavelmente boa	20 (18.5 %)
	Muito boa	50 (46.3 %)
	Excelente	33 (30.6 %)
VRA	É muito difícil vivermos com o rendimento atual	4 (3.7 %)
	É difícil vivermos com o rendimento atual	9 (8.3 %)
	O rendimento atual dá para vivermos	48 (44.4 %)
	O rendimento atual permite-nos viver confortavelmente	47 (43.5 %)

Associações entre as variáveis

Foram efetuadas correlações de *Pearson* e de *Spearman*, de forma a analisar possíveis associações entre as variáveis. As correlações entre as variáveis em estudo podem ser observadas na tabela 4.

Tabela 4.
Matriz de correlações de Pearson e Spearman

Variável	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Género ^(b)	-	-.123 ^(a)	-.061 ^(a)	-0.95 ^(a)	-.226*	.048
2. P –NSE ^(a)		-	.330**	.527**	.264**	.017
3. QH ^(a)			-	.412**	.369**	-0.74
4. VRA ^(a)				-	.350**	-0.33
5. FAD-GF					-	-.154
6. IAT						-

* p < .05. ** p < .01

^(a) correlação de *Spearman*

^(b) codificação da variável género: F =0 e M =1

Relação entre o género e FAD-GF

Apesar de não ter sido colocada a hipótese de o género estar associado ao funcionamento familiar global, foi encontrada uma associação significativa e negativa ($R = -.226$; $p = .019$) entre as duas variáveis. Isto significa que, com base na amostra recolhida, o género masculino está mais associado a uma perceção de funcionamento familiar problemático e o género feminino mais associado a uma perceção de funcionamento familiar saudável.

Relação entre as diferentes variáveis de percepção da situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA)

É de notar que as diferentes variáveis de percepção da situação económica do agregado familiar relacionam-se significativamente ($p < .01$) e positivamente, como pode ser observado na tabela 4, o que indica que a percepção de um nível socioeconómico mais elevado do agregado familiar está associada a uma melhor percepção da qualidade da habitação, assim como também associada a um maior bem-estar obtido por um maior nível de rendimentos.

Relação entre as diferentes variáveis de percepção da situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA) e o FAD-GF

Com base na tabela 4, é ainda possível verificar uma correlação significativa ($p < .01$) e positiva entre as diferentes variáveis de percepção da situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA) e o FAD-GF. Remetendo para a primeira hipótese, esta associação entre as variáveis antes mencionadas, permite aceitar a H1, o que significa que, a percepção de maior dificuldade económica do agregado familiar está positivamente associada a um funcionamento familiar problemático. Enquanto, a percepção da inexistência ou de menores dificuldades económicas do agregado familiar está positivamente associada a um funcionamento familiar saudável.

Relação entre o IAT e as diferentes variáveis de percepção da situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA) e relação entre o IAT e o FAD-GF

É de salientar que, relativamente ao IAT, não foram encontradas associações com nenhuma das variáveis em estudo, rejeitando-se desta forma a segunda hipótese (H2) e a terceira hipótese (H3). Este resultado revela que não existe associação entre a situação económica do agregado familiar e a dependência digital manifesta nos jovens adultos, assim como também não existe associação entre o funcionamento familiar e a dependência digital nos jovens adultos.

Análises por grupos

Diferenças de Género

Dado que a amostra era constituída por participantes do género feminino e masculino, procurou-se analisar se existiam diferenças significativas entre os géneros, no que diz respeito à situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA), e aos scores totais do FAD-GF e do IAT.

Para efetuar análises paramétricas entre os dois géneros e os scores totais de ambas as escalas (FAD-GF e IAT), verificou-se o cumprimento dos pressupostos de normalidade e de homocedasticidade das variâncias, através do teste de *Shapiro-Wilk* e *Levene*, respetivamente. Desta forma, optou-se pela realização de testes paramétricos *T* de *Student* para amostras independentes, que permitiram verificar que, em média, os participantes do género masculino ($M = 33.40$, $DP = 6.79$), apresentam uma perceção de um funcionamento familiar mais problemático do que os participantes do género feminino ($M = 37.30$, $DP = 7.28$). Esta diferença é estatisticamente significativa, $t(108) = 2.40$, $p = 0.02$. Do teste de diferenças de género para o IAT, não resultaram diferenças significativas, $t(108) = -0.49$, $p = 0.62$.

No que diz respeito à análise de diferenças entre géneros nas variáveis P-NSE, QH e VRA, uma vez que não se cumpriu o pressuposto de normalidade, foram realizados testes não-paramétricos de *U* de *Mann-Whitney*. Contudo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros no P-NSE ($U = 896.50$, $p = 0.20$), nem na QH ($U = 957.50$, $p = 0.53$). Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros na VRA ($U = 904.50$, $p = 0.33$). Estes resultados corroboram as conclusões obtidas através das análises de correlações acima descritas.

Situação económica e relação com dependência digital

Numa segunda fase do processo de análise de dados, procurou-se perceber se existiam diferenças nas diferentes categorias das variáveis utilizadas para avaliar a situação económica do agregado familiar (P-NSE, QH e VRA), relativamente aos scores totais do IAT. Verificando-se o cumprimento dos pressupostos de normalidade e homocedasticidade de variâncias, procedeu-se à realização de testes paramétricos para análise de diferenças,

nomeadamente o teste de ANOVA unifatorial. Contudo, verificou-se não haver diferenças significativas ($p > .05$) entre os diferentes grupos das variáveis P-NSE, QH e VRA e os scores totais do IAT.

Situação económica e relação funcionamento familiar

Depois de se verificar o cumprimento dos pressupostos de normalidade e homocedasticidade de variâncias, foi efetuada uma ANOVA unifatorial para avaliar a relação entre o P-NSE e o FAD-GF. A ANOVA demonstrou diferenças significativas, $F(3, 105) = 4.06$, $p = .009$ entre os grupos de P-NSE. O teste *post hoc Bonferroni* indicou que a média do FAD-GF dos grupos com a perceção de um nível socioeconómico “alto” ($M = 38.61$; $DP = 7.62$), foi significativamente maior ($p = .019$) do que o grupo com a perceção de um nível socioeconómico “médio” ($M = 36.51$; $DP = 6.75$). A média do FAD-GF dos grupos com a perceção de um nível socioeconómico “médio” ($M = 36.51$; $DP = 6.75$) foi significativamente maior ($p = .01$) do que a média do grupo com a perceção de um nível socioeconómico “baixo” ($M = 28.63$; $DP = 8.25$), o que demonstra que existe uma maior perceção de um funcionamento familiar problemático em níveis socioeconómicos mais baixos. No entanto, não se observou diferenças significativas nas restantes comparações entre as médias dos diferentes grupos do P-NSE. É, no entanto, pertinente de salientar que, apesar de não significativas ($p = .57$), observou-se que as médias entre o grupo com a perceção de um nível socioeconómico “muito alto” ($M = 38.00$; $DP = 4.24$), foram menores que o grupo com a perceção de um nível socioeconómico “alto” ($M = 38.61$; $DP = 7.62$).

Conduziu-se também uma ANOVA unifatorial para avaliar a relação entre o QH e o FAD-GF. A ANOVA demonstrou diferenças significativas, $F(3, 105) = 5.816$, $p = .001$ entre os grupos de QH. O teste *post hoc Bonferroni* indicou que a média do FAD-GF dos participantes com a perceção da qualidade da habitação “não muito boa” ($M = 27.40$; $DP = 9.24$), foi significativamente menor do que os grupos com a perceção da qualidade da habitação “muito boa” ($M = 36.36$; $DP = 6.47$) e “excelente” ($M = 39.36$; $DP = 6.00$), ($p = .04$; $p = .01$, respetivamente). Este teste indicou ainda que a média do FAD-GF dos participantes com a perceção da qualidade da habitação “razoavelmente boa” ($M = 33.85$; $DP = 8.50$), era significativamente menor ($p = .03$) do que o grupo de participantes com a perceção da qualidade da habitação “excelente” ($M = 39.36$; $DP = 6.00$).

Por fim, foi efetuada uma ANOVA unifatorial para avaliar a relação entre o VRA e o FAD-GF. A ANOVA demonstrou diferenças significativas, $F(3, 105) = 4.82, p = .004$. O teste *post hoc Bonferroni* indicou que a média do FAD-GF do grupo “*O rendimento atual permite-nos viver confortavelmente*” ($M = 38.77; DP = 5.83$), foi marginalmente significativo ($p = .05$), comparativamente ao grupo “*É difícil vivermos com o rendimento atual*” ($M=32.00; DP= 9.27$) e, também marginalmente significativo ($p = 0.5$) relativamente ao grupo “*É muito difícil vivermos com o rendimento atual*” ($M = 27.67; DP = 15.01$). Não foram encontradas outras diferenças significativas entre os restantes grupos.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal analisar a relação entre a situação económica do agregado familiar, a perceção do funcionamento familiar e a dependência digital, em jovens adultos dos 18 aos 25 anos.

A par com o que se verificou na revisão da literatura, o funcionamento familiar problemático está associado a uma perceção de níveis económicos mais baixos e a piores condições habitacionais. O estudo de Kaiser et al. (2017), pode contribuir para a compreensão desta associação. A situação económica, nomeadamente quando são percebidas dificuldades económicas, têm impacto no desenvolvimento de problemas nos diferentes sistemas dos jovens (Kaiser et al., 2017). Quando presente no sistema individual, existe uma maior probabilidade de surgirem comportamentos disruptivos e problemáticos, assim como problemas de saúde mental (Kaiser et al., 2017). Quando presentes na dimensão familiar, é de notar uma maior probabilidade de surgir conflito intrafamiliar decorrente das dificuldades económicas (Kaiser et al., 2017).

Importa ainda referir que, apesar de ter sido observada esta linearidade na associação entre estas variáveis, tal linearidade é apenas observada até uma perceção de um nível socioeconómico alto, uma vez que os valores da perceção do funcionamento familiar saudável começam a reduzir quando se considera os indivíduos que percionam pertencer a um nível socio-económico “muito alto”. É possível que esta relação se torne não linear após uma perceção do nível socioeconómico alto, podendo significar que num nível socioeconómico muito alto a perceção de um funcionamento familiar saudável começa a reduzir.

Segundo Schneider et al. (2017), seria esperado que um funcionamento familiar percebido como problemático se relacionasse com um maior nível de dependência digital, uma vez que relações problemáticas pautadas por hostilidade, ou com reduzidas atividades sociais em família, com diálogo reduzido sobre os problemas sociais e emocionais, se constituem como fatores preditores para o desenvolvimento de comportamento digitais de risco. Lee et al. (2019), acrescenta ainda que a dependência digital pode ter impacto no funcionamento familiar, traduzindo-se num maior conflito intrafamiliar, decorrente de vários fatores, como do isolamento social e da diminuição do desempenho académico ou

laboral. Este impacto no funcionamento familiar, catalisado pela dependência digital, pode ainda resultar na quebra do grupo de suporte social e familiar (Fumero et al., 2018), destituindo o indivíduo de figuras de suporte que possam ser protetoras do agravamento da dependência digital. Apesar da literatura evidenciar uma possível associação entre ambas as variáveis (Lee et al., 2019; Fumero et al., 2018; Schneider et al., 2017), perante os resultados obtidos não se verificou que a perceção do funcionamento familiar e a dependência digital nos jovens estivessem relacionados.

Entre a situação económica e a dependência digital, seria também previsto encontrar-se uma associação positiva, verificando-se que o mesmo tende a ocorrer nos comportamentos disruptivos ou problemáticos. Ou seja, verifica-se na literatura que contextos familiares onde estão presentes dificuldades económicas objetivas estão positivamente relacionados com uma maior frequência de comportamentos disruptivos ou problemáticos nos jovens (Gomel, 1995). Contudo, neste estudo, não surgiram resultados que suportassem esta associação. O tamanho da amostra e a distribuição pelos diferentes níveis socioeconómicos, assim como pelos diferentes níveis de dependência digital, pode ser explicativo de resultados não conclusivos.

Por outro lado, a complexidade na relação entre estas variáveis pode ainda ser uma explicação para não terem sido observados resultados significativos. A perceção da situação económica, nomeadamente quando o indivíduo se percebe em níveis socioeconómicos mais elevados, também pode constituir um fator predisponente ao envolvimento em atividades digitais que envolvam gastos financeiros, tais como microtransações e apostas virtuais (Almourad et al., 2020). Apesar de não observado neste estudo, é notável o impacto quer da perceção de um nível socioeconómico alto, quer da perceção de um nível socioeconómico baixo, nos comportamentos disruptivos ou problemáticos, assim como nos comportamentos digitais de risco.

Um resultado significativo encontrado neste estudo diz respeito à relação negativa entre género e funcionamento familiar, revelando uma tendência de o género masculino estar mais associado a um funcionamento familiar problemático. Ainda assim, importa referir que, incluindo as variáveis de avaliação da situação económica e de dependência digital, não foram encontradas diferenças relevantes, salientando assim que o género não é

o único determinante nesta relação (Staccini et al., 2015), podendo existir mediação de outras variáveis não recolhidas no âmbito deste estudo.

No entanto, entre o género e a dependência digital, onde seria esperado também ser observado uma relação negativa, isto é, existir uma maior tendência de o género masculino apresentar níveis mais elevados de dependência digital face ao género feminino, não se observou neste estudo qualquer associação. Na PORDATA (2022), apesar de limiar, percebemos que existe uma maior frequência na utilização da internet no género masculino (85.5%) do que no género feminino (83.6%). Lee et al. (2019) acrescenta ainda que o género masculino apresenta uma maior tendência a envolver-se, durante mais tempo, em atividades digitais e em comportamentos digitais de risco aditivo, mais concretamente, na procura de conteúdo agressivo, envolvimento em videojogos e pornografia.

É pertinente referir que os resultados do atual estudo podem estar condicionados pela baixa representatividade de uma amostra masculina, dado o número reduzido e desproporcional de participantes do género masculino face ao género feminino. Importa ainda referir que esta baixa representatividade e um número reduzido de participantes podem ser fatores explicativos de não terem sido observadas neste estudo relações esperadas e presentes na literatura, como é o exemplo da relação da dependência digital com o funcionamento familiar problemático.

Pode-se ainda elencar outra limitação presente no estudo, nomeadamente, ter-se utilizado a perceção da situação económica do agregado familiar, o que nem sempre pode corresponder às dificuldades económicas objetivas do agregado, dado que os jovens nem sempre possuem informação concreta sobre a profissão ou rendimento dos progenitores.

Apesar de não terem sido verificados níveis de dependência digital elevados, é de salientar que a recolha de dados privilegiou uma metodologia de disseminação digital dos questionários, com foco nas redes sociais. Esta distribuição pode ter comprometido o acesso a participantes que não utilizem redes sociais ou outras formas de atividades digitais, assim como poderá ter restringido o tipo de atividade digital em que o participante poderia estar envolvido, a título de exemplo, descurando-se participantes que utilizam a internet exclusivamente para videojogos, apostas digitais, visualização de plataformas de *streaming* e vídeo (e.g. Youtube, Twitch) e pornografia.

Conclusão

No que concerne às conclusões deste estudo, é de notar que não foram encontradas associações significativas no que diz respeito à relação da dependência digital, e as variáveis recolhidas, nomeadamente a situação económica percebida e a perceção do funcionamento familiar.

Contudo, é de salientar as duas associações observadas. A primeira, uma associação negativa, entre o género e a perceção do funcionamento familiar, indicativo de maior prevalência de uma perceção de funcionamento familiar problemático no género masculino. E a segunda, uma associação positiva entre a perceção do nível socioeconómico e a perceção do funcionamento familiar, que remete para uma maior prevalência de um funcionamento familiar problemático quando presente uma perceção de maiores dificuldades económicas do agregado familiar.

Implicações práticas do estudo

O principal contributo deste estudo assenta na construção de conhecimento científico sobre a situação económica percebida, a perceção do funcionamento familiar e a dependência digital, nomeadamente na realidade portuguesa.

No que diz respeito aos resultados obtidos nas categorias do IAT, apesar de não significativos nos testes de correlações, verifica-se que mais de metade da amostra, 61 (56.5 %) participantes, apresentam níveis de dependência ligeira e moderada. Estes dados alertam para a necessidade da prevenção e da psicoeducação sobre o impacto do uso problemático da internet, de forma a moderar a exposição de conteúdos, o tempo de utilização de dispositivos digitais e a mitigar potenciais efeitos problemáticos para o individuo e a sua família.

O atual estudo remete ainda para a necessidade de medidas de atenuação do impacto das dificuldades económicas, potencialmente na prevenção, através de uma maior aposta na literacia financeira da sociedade em diferentes níveis socioeconómicos. Isto é, a possível não linearidade na relação entre o funcionamento familiar e a situação económica percebida em níveis socioeconómicos altos e muito altos, leva-nos a refletir que os estudos e as intervenções com famílias, não devem ser restritas a níveis socioeconómicos mais baixos.

Sugestões para investigações futuras

Seria pertinente em investigações futuras reproduzir este estudo com uma amostra maior, que consiga garantir representatividade de ambos os géneros, recolhida em diferentes plataformas, de forma a contemplar diferentes atividades digitais, potencialmente relacionadas com diferentes dimensões de dependência digital (e.g. apostas digitais, videojogos, pornografia, redes sociais). A versão completa do FAD seria também útil para perceber as associações nas diferentes dimensões do funcionamento familiar com a dependência digital.

Sugere-se ainda que futuras investigações sejam realizadas de forma a abranger a situação económica dos diferentes membros do agregado familiar, com recurso a informação relativa aos rendimentos. Complementarmente, uma vez que apenas foi recolhida informação sobre a perceção da qualidade da habitação, estudos qualitativos representariam uma metodologia indicada para perceber que diferentes formas de privação material estariam associadas a um funcionamento familiar problemático, em casos de dependência digital.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. C., Leandro, M. E., & Pereira, M. G. (2020). Psychometric properties of the Portuguese adaptation of General Functioning of Family Assessment Device: A comparative study. *Families, Systems, & Health*, 38(2), 162–171. <https://doi.org/10.1037/fsh0000471>
- Almourad, M., McAlaney, J., Skinner, T., Pleya, M., & Ali, R. (2020). Defining digital addiction: Key features from the literature. *Psihologija*, 53(3), 237-253.
- Araújo, P. (2023). “Salários reais vão valer menos em 2023 do que 2014”. *Jornal de Notícias*, 02 de janeiro de 2023. Retirado de [Salários reais vão valer menos em 2023 do que 2014 \(jn.pt\)](#)
- Bradshaw, J., & Finch, N. (2003). Overlaps in dimensions of poverty. *Journal of Social Policy*, 32, 513–525.
- Boterhoven de Haan, K. L., Hafekost, J., Lawrence, D., Sawyer, M. G., & Zubrick, S. R. (2015). Reliability and validity of a short version of the general functioning subscale of the McMaster Family Assessment Device. *Family process*, 54(1), 116-123.
- Cantante, F., & Estêvão, P. (2022). Os salários em Portugal: padrões de evolução, inflação e desigualdades. *Colaborador*
- Carvalho, D. (2020). *Adaptação e Validação Portuguesa da Escala de Adição à Internet* (Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra).
- Eirich, R., McArthur, B. A., Anhorn, C., McGuinness, C., Christakis, D. A., & Madigan, S. (2022). Association of screen time with internalizing and externalizing behavior problems in children 12 years or younger: a systematic review and meta-analysis. *JAMA psychiatry*.
- Epstein, N. B., Bishop, D. S., & Levin, S. (1978). The McMaster model of family functioning. *Journal of Marital and Family therapy*, 4(4), 19-31.
- Epstein, N. B., Baldwin, L. M., & Bishop, D. S. (1983). The McMaster family assessment device. *Journal of marital and family therapy*, 9(2), 171-180.

- Fumero, A., Marrero, R., Voltes, D., & Penate, W. (2018). Personal and social factors involved in internet addiction among adolescents: A meta-analysis. *Computers in Human Behavior, 86*, 387-400.
- Gauthier, A., & Furstenberg, F. (2010). The experience of financial strain among families with children in the United States. *National Center for Family & Marriage Research, Working Paper WP-10-17*.
- Gomel, J. N. (1995). *The effects of economic hardship on family functioning: A multi-ethnic perspective*. University of California, Riverside.
- Han, W., & Hart, J. (2022). Precarious parental employment, economic hardship, and parenting and child happiness amidst a pandemic. *Children and Youth Services Review, 133*.
- He, M., Cabrera, N., Renteria, J., Chen, Y., Alonso, A., McDorman, S. A., & Reich, S. M. (2021). Family functioning in the time of COVID-19 among economically vulnerable families: Risks and protective factors. *Frontiers in Psychology, 12*, 730447.
- Kaiser, T., Li, J., Pollmann-Schult, M., & Song, A. (2017). Poverty and child behavioral problems: The mediating role of parenting and parental well-being. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 14*, 981.
<https://doi.org/10.3390/ijerph14090981>
- Lee, S. Y., Kim, M. S., & Lee, H. K. (2019). Prevention strategies and interventions for internet use disorders due to addictive behaviors based on an integrative conceptual model. *Current Addiction Reports, 6*(3), 303-312.
- Nagata, J. M., Magid, H. S. A., & Gabriel, K. P. (2020). Screen time for children and adolescents during the coronavirus disease 2019 pandemic. *Obesity, 28*(9), 1582-1583.
- Neckerman, K., Garfinkel, I., Teitler, J., Waldfogel, J., & Wimer, C. (2016). Beyond income poverty: Measuring disadvantage in terms of material hardship and health. *Academic Pediatrics, 16*(3), 52-59.

- Pontes, H. M., Patrão, I. M., & Griffiths, M. D. (2014). Portuguese validation of the Internet Addiction Test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 107- 114. doi: 10.1556/JBA.3.2014.2.4
- PORDATA. (2022). *Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: remuneração base e ganho por sexo*. Retirado de [Portugal: Salário médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem: remuneração base e ganho por sexo | Pordata](#)
- PORDATA. (2022). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por sexo*. Retirado de [Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por sexo](#).
- Ryan, C. E., Epstein, N. B., Keitner, G. I., Miller, I. W., & Bishop, D. S. (2005). *Evaluating and treating families: The McMaster approach*. Taylor & Francis.
- Ryan, C. E., & Keitner, G. I. (2009). Family functioning assessment in rehabilitation and health. *Assessment in rehabilitation and health*, 486-502.
- Schneider, L. A., King, D. L., & Delfabbro, P. H. (2017). Family factors in adolescent problematic Internet gaming: A systematic review. *Journal of behavioral addictions*, 6(3), 321-333.
- Staccini, L., Tomba, E., Grandi, S., & Keitner, G. I. (2015). The evaluation of family functioning by the family assessment device: A systematic review of studies in adult clinical populations. *Family process*, 54(1), 94-115.
- Young, K. S. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychology & Behavior*, 1(3), 237-244. doi: 10.1089/cpb.1998.1.237
- Young, K. S. (2011). Clinical assessment of internet-addicted clients. In K. Young, & C. Abreu (Eds.), *Internet addiction: A handbook and guide to evaluation and treatment* (pp. 19–34). New Jersey: John Wiley & Sons.

Anexos

Anexo 1. Modelo de Declaração de Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente formulário destina-se à recolha de dados junto de jovens adultos entre os 18 e os 25 anos, com a finalidade de elaborar uma investigação para a obtenção do grau de mestre em Psicologia pela Universidade Católica Portuguesa.

Serão colocadas questões sobre si, o seu agregado familiar e as suas práticas digitais.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária e pode desistir a qualquer momento. Contudo, realçamos o quão importante é o seu contributo para compreendermos melhor alguns aspetos sobre si e sobre o seu quotidiano. Para isso, pedimos-lhe que responda aos itens com a máxima sinceridade.

A duração aproximada de resposta a todas as questões é de 20 minutos. Por favor, assegure-se que ninguém tem acesso às suas respostas.

Será garantida a privacidade, o anonimato, e a confidencialidade dos dados recolhidos, que serão sempre apresentados de forma a impossibilitar a identificação dos(as) participantes. Todos os elementos da equipa de investigação que contactem com os dados comprometem-se a garantir a privacidade, o anonimato e a confidencialidade dos mesmos. Os dados serão guardados, devidamente anonimizados, apenas durante o período previsto pela lei vigente em Portugal.

Este estudo não pressupõe qualquer risco nem qualquer benefício ou pagamento pela sua participação. Contribuirá apenas para o desenvolvimento de um trabalho académico.

No caso de existir alguma questão relativa ao estudo, poderá contactar a equipa responsável pelo mesmo, através de um dos seguintes emails: laribeiro@ucp.pt; s-mimaferreira@ucp.pt

Obrigada pela colaboração.

Por favor:

Assinale se aceita ou não que os dados deste questionário possam vir a ser utilizados para investigação a ser desenvolvida pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Obrigada pela sua colaboração!

Atentamente,

Miguel Ferreira, s-mimaferreira@ucp.pt

- SIM, concordo em participar no projeto acima mencionado e concordo com os termos presentes neste consentimento informado. (1)

- NÃO, não concordo em participar no projeto acima mencionado e não concordo com os termos presentes neste consentimento informado. (2)

Skip To: End of Survey If DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO O presente formulário destina-se à recolha de dados junto d... = NÃO, não concordo em participar no projeto acima mencionado e não concordo com os termos presentes neste consentimento informado.

Anexo 2. *Itens utilizados para avaliar a situação económica do agregado familiar*

1 - Como classificaria a qualidade da sua habitação?

- Excelente (1)
- Muito Boa (2)
- Razoavelmente Boa (3)
- Não muito Boa (4)
- Péssima (5)

2 - Como classificaria o nível socioeconómico do seu agregado familiar?

- Muito alto (1)
- Alto (2)
- Médio (3)
- Baixo (4)
- Muito baixo (5)

3 - Qual das seguintes descrições se aproxima mais do que sente relativamente ao rendimento atual do seu agregado familiar?

- O rendimento atual permite-nos viver confortavelmente (1)
- O rendimento atual dá para vivermos (2)
- É difícil vivermos com o rendimento atual (3)
- É muito difícil vivermos com o rendimento atual (4)
- Não sei/ Prefiro não responder (5)

Anexo 3. Itens do Family Assessment Device – Global Functioning (FAD-GF)

FAD-GF

Por favor, indique a sua concordância ou discordância com a forma como cada frase descreve a sua família, selecionando uma das quatro respostas alternativas:

1- Discordo Totalmente, 2- Discordo, 3- Concordo, 4 - Concordo Totalmente.

1. Planear atividades em família é difícil porque não nos compreendemos uns aos outros.
2. Em tempos de crise podemos contar uns com os outros quando precisamos de apoio.
3. Nós não podemos falar uns com os outros sobre a tristeza que sentimos.
4. Os indivíduos são aceites pelo que são.
5. Nós evitamos discutir acerca dos nossos medos e preocupações.
6. Nós podemos expressar sentimentos uns aos outros.
7. Existem muitos sentimentos negativos nesta família.
8. Nós sentimo-nos aceites pelo que somos.
9. Tomar decisões é um problema para a nossa família.
10. Nós somos capazes de tomar decisões sobre como resolver problemas.
11. Nós não nos damos bem.
12. Nós confiamos uns com os outros.

Anexo 4. Itens do Internet Addiction Test (IAT)

IAT

Considerando apenas o uso de Internet para fins recreativos e não de estudo/trabalho, por favor, para cada uma das afirmações seguintes, sobre o uso da internet, faça uma cruz na palavra/frase da resposta que mais se aplica a si. Todos os resultados são corretos e serão rigorosamente confidenciais.

5 – Sempre; 4 – Muitas Vezes; 3 – Frequentemente; 2 – Ocasionalmente; 1 – Raramente;
0 – Não aplicável

1. Com que frequência ficas *online* mais tempo do que pretendias?
2. Com que frequência deixas de fazer as tarefas de casa para poderes ficar mais tempo *online*?
3. Com que frequência preferes o entusiasmo da internet ao convívio com os teus amigos?
4. Com que frequência crias relações com outros utilizadores *online*?
5. Com que frequência as outras pessoas se queixam em relação à quantidade de tempo que passas *online*?
6. Com que frequência as tuas notas ou trabalhos escolares são prejudicados devido à quantidade de tempo que passas *online*?
7. Com que frequência verificas o teu *e-mail* ou sites como *facebook* ou o *instagram* antes de fazeres qualquer outra coisa que precisas?
8. Com que frequência o teu desempenho ou produtividade no trabalho são prejudicados por causa da internet?
9. Com que frequência te tornas defensivo(a) ou guardas segredo quando alguém te

pergunta o que estás a fazer *online*?

10. Com que frequência bloqueias pensamentos perturbadores sobre a tua vida com pensamentos calmantes da internet?

11. Com que frequência dás por ti a pensar sobre quando irás estar *online* novamente?

12. Com que frequência receias que a vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?

13. Com que frequência é que explodes, gritas ou ficas irritado(a) quando alguém te incomoda enquanto estás *online*?

14. Com que frequência perdes o sono por estares *online* até tarde durante a noite?

15. Com que frequência te sentes preocupado com a internet quando não estás *online* ou imaginas estar *online*?

16. Com que frequência dás por ti a dizer “só mais alguns minutos” quando estás *online*?

17. Com que frequência tentas reduzir a quantidade de tempo que passas *online* e não consegues?

18. Com que frequência tentas esconder a quantidade de tempo que passaste *online*?

19. Com que frequência preferes ficar mais tempo *online* a ir sair com outras pessoas?

20. Com que frequência te sentes deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando não estás *online*, e deixas de estar assim quando entras online novamente?

Anexo 5. Parecer da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

Deliberação da Comissão de Ética em Tecnologia, Ciências Sociais e Humanidades sobre o estudo
Deliberation of the Ethics Committee for Technology, Social Sciences and Humanities concerning the research study

Economic hardship, parenting styles and child behaviour problems

Com base nos elementos apresentados pela investigadora Luísa Antunes Ribeiro, do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa, relativos ao projeto de investigação intitulado “Economic hardship, parenting styles and child behaviour problems”, a Comissão de Ética em Tecnologias, Ciências Sociais e Humanidades (CETCH), considerou estarem reunidas as informações necessárias para poder avaliar o processo, tendo deliberado dar parecer ético favorável com recomendações, ao pedido submetido em 6 de Dezembro de 2022 sob o nº CETCH2022-28.

Considering the elements presented by the researcher Luísa Antunes Ribeiro, from the Research Centre for Human Development of Universidade Católica Portuguesa, regarding the research project entitled “Economic hardship, parenting styles and child behaviour problems”, the Ethics Committee in Technology, Social Sciences and Humanities (CETCH), considered that the required elements were present in order to evaluate the process, and decided to favorably recommend the ethical approval of the request submitted on the 6th of December 2022 under number CETCH2022-28.

16 de Fevereiro, 2023

A Presidente da CETCH | *The President of CETCH*

(Célia Manaia)